

repertório da

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES

A decorative border made of a repeating blue geometric pattern, resembling interlocking circles or a mesh, framing the central text area.

**HISTÓRIAS DO
DIA - A - DIA**

Helder Costa

LFR 404

REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES

HISTÓRIAS DO DIA-A-DIA

POR

HELDER COSTA

ULF L160704



24-6-2014

LISBOA – 1978

NOTAS BREVES DE ENCENAÇÃO

PORQUÊ ESTAS "HISTÓRIAS DO DIA A DIA"?

1. "Histórias do dia a dia", é o título geral destas 3 pequenas peças. Com esta ideia-base, quer-se afirmar que tudo o que acontece no emprego, na rua, nas relações familiares, tudo o que pode ser a "sorte" ou o "azar", não passa de uma síntese apressada e em miniatura de tudo o que a nível político, económico ou ideológico domina o Mundo em que vivemos;
2. Sendo, então, o "quotidiano" o espelho mais fiel da nossa existência, o único problema que subsiste é o de saber como devem ser tratadas estas histórias;
3. Ultimamente, a nível internacional, tem-se verificado um interesse crescente por esta temática. As peças que têm saído sobre estas questões (e algumas já foram estreadas em Portugal), revelam, normalmente, uma óptica pessimista e derrotista sobre a existência e as relações humanas das actuais sociedades ditas avançadas da Europa e da América do Norte.
Parece-nos que esta visão do dia a dia tem a ver com a posição contemplativa do intelectual burguês em crise de confiança em relação a si próprio e em relação aos conhecimentos (teóricos, claro!), que ingeriu apressadamente sobre a sociedade actual e os seus mecanismos de transformação;

4. Já se sabe que não há que ter nenhuma confiança nem nenhuma esperança de justiça numa sociedade que se baseia sobre a desigualdade e sobre a opressão. Mas, na medida em que a nossa preocupação com a análise do quotidiano tem subjacente a preocupação de intervenção no campo da ideologia (o mesmo é dizer, no processo histórico), novas responsabilidades se nos deparam;
5. Essas responsabilidades exigem que saibamos tratar o "acontecimento" da forma mais dialéctica — para que o nosso trabalho sirva de testemunho à resistência e contradições que existem, a nível de todas as classes sociais, em relação a uma vida cheia de percalços, frustrações e inseguranças.
6. Para terminar, direi que a intervenção no campo artístico não tem nada a ver com uma lição académica e professoral, só compreensível por minorias eruditas; pelo contrário, tudo o que pode ser observado, imaginado e sugerido nestas histórias, terá a ver com a vida real, a carne e osso, o sangue, do povo que as inspirou e a quem se destinam. O que exige, necessariamente, um fio condutor baseado na irreverência e no humor mais sãos e directos, de forma a conseguir encontrar o optimismo que foi sempre atributo dos mais explorados e oprimidos, e a grande arma que acaba por torná-los, mais cedo ou mais tarde, verdadeiros donos de tudo aquilo que "já é deles".

Como montar estas peças?

1. Estas histórias são de uma grande simplicidade. Esta simplicidade faz com que exijam muito cuidado na sua montagem, de forma a combater tudo o que de agitação e propaganda panfletária possa surgir no decorrer do trabalho.
2. Todas as peças estão divididas por quadros. Cada quadro tem um título. Esse título indica — na linha de Brecht e Wekwerth — *a ideia essencial* que há a transmitir com esse quadro. Um exemplo: “A paciência das irmãs”, 3.º quadro de “O Jogo da Bola”, indica que deve demorar bastante tempo, ser bem ensaiada e ter grande riqueza de pormenores a “lição de dança” que o Hilário vai receber;
3. Os encenadores e actores têm de se debruçar, com esforço e atenção, sobre o apuro dos mais ínfimos detalhes. Só este trabalho permitirá, devido à riqueza de dados extraídos da vida real do povo, que essas histórias atinjam a dimensão *artística*, e não meramente, digamos, *noticiosa*.
4. Será necessário um esforço de realismo? Com certeza. Mas isso não implica que não possam surgir elementos distanciados, caricaturas, imitações da realidade, animais que falam, etc.
O único problema será o da justa medida. Para isso, e sem querer limitar a imaginação dos encenadores, proporia que o peso fundamental do espectáculo fosse garantido pela estética realista (e até naturalista, acidentalmente).

H. C.

"A SORTE GRANDE"

1. *Um 13 no Totobola, um bilhete de lotaria, o 1.º prémio num dos inumeráveis concursos do "Diário de Notícias" ou da "Eva" do Natal, atiram qualquer simples mortal para a notoriedade. A partir desse "feliz momento" (e é evidente que é feliz, porque traz dinheiro que permite fugir à fome e realizar alguns sonhos), o novo herói começa a ser bajulado e "educado" pelo patrão, pelo Dr., pelo chefe de finanças, etc. E tudo correrá sempre melhor, se ele aceitar esse "novo estilo de vida", e abandonar os antigos gostos, hábitos e amigos.*
2. *Como no caso do jovem futebolista, também este tem de ter sorte. Um percalço na sua nova carreira, não lhe vai assegurar, com certeza, o apoio da nova sociedade em que entrou. E, muito menos, poderá contar com a solidariedade que o povo sempre presta aos seus iguais.*

"A VACA PROMETIDA"

1. *Perante a morte ou a doença, o povo agarra-se a tudo. Médico é bicho que ainda é raro em muitos recantos. Bruxos e santos não faltam, e a eles se recorre com a mesma convicção. Por vezes, o que se promete em penitências ou em velas, é excessivo. E na altura de se cumprir a promessa é que são elas!*
2. *Um artifício curiosíssimo, da tradição popular, permite que esta história termine em "bem" para o povo. Seja como for, ele está no seu campo: os seus temores, mitos e Deuses, são por ele criados e respeitados, consoante correspondem melhor ou pior ao que se espera.*

1. A notícia e a festa

1. A notícia e a festa

2. Raul compra uma espingarda

3. Uma conversa na taverna

4. Raul aprende a boa vida

5. Grande festa na vila

"A SORTE GRANDE"

6. Raul e o incêndio

7. O seguro não paga tudo

8. A procura de outra "sorte grande"

9. A procura de outra "sorte grande"

10. A procura de outra "sorte grande"

11. A procura de outra "sorte grande"

12. A procura de outra "sorte grande"

13. A procura de outra "sorte grande"

14. A procura de outra "sorte grande"

15. A procura de outra "sorte grande"

16. A procura de outra "sorte grande"

17. A procura de outra "sorte grande"

18. A procura de outra "sorte grande"

19. A procura de outra "sorte grande"

20. A procura de outra "sorte grande"

21. A procura de outra "sorte grande"

22. A procura de outra "sorte grande"

23. A procura de outra "sorte grande"

24. A procura de outra "sorte grande"

25. A procura de outra "sorte grande"

QUADROS:

1. A notícia e a festa
2. Raul compra uma espingarda
3. Uma conversa na tasca
4. Raul aprende a boa vida
5. Grande festa na vila
6. Raul evolui na vida
7. Na fábrica
8. O incêndio
9. O seguro não paga tudo
10. À procura de outra "sorte grande"

1. A notícia e a festa

*Hora de saída de uma pequena fábrica.
Sai um grupo de uns 4 ou 5 operários, cavaqueando e
rindo. Um deles, forte, aparenta ter uns 35 anos.
Ouvem-se gritos e vozes de crianças que vêm corren-
do, e que se dirigem para esse operário.*

UM MIÚDO — Pai! Pai!

UMA MIÚDA — Saiu a sorte grande! saiu a sorte grande!

Abraçam-se ao pai. Todos os rodeiam.

MIÚDO — Disse na telefonia, há bocadinho. A mãe tinha lá
a cautela, quase que desmaiou...

*Todos surpreendidos e sem saber o que dizer. Correm
para casa.*

*Saem de cena, e voltam a entrar com o Raul aos ombros
dos amigos. Grande alegria. Enquanto avançam para a
frente de cena, monta-se uma mesa onde se passará o
banquete.*

*Festa rija em caso do felizardo. Alegria.
Bebidas e comidas.*

UM AMIGO — *(Batendo palmas)* Silêncio... muita atenção...
vou fazer um brinde aqui ao Raul... *(Gargalhadas; "Dei-
xa-te disso"; "olha o Simplício a falar!")*

SIMPLÍCIO — Pouco barulho... Bem, o que eu quero dizer
é... é que o Raul é um amigo do seu amigo... e eu desejo
que tenha sorte...

OUTRO AMIGO — Ainda queres que ele tenha mais sorte?
(Gargalhadas)

SIMPLÍCIO — Quer dizer... que tenha uma vida boa... assim... como toda a gente quer... vocês estão a perceber o que eu quero dizer... muitas felicidades, e parabéns, pronto!

VOZES — Viva o Simplício! Parecia um advogado!

UM AMIGO — Agora fala o sr. Manuel da Póvoa... faz favor...

MANUEL DA PÓVOA — Sim senhor, com todo o prazer. Devo dizer que conheço o Raul há muitos anos, desde que ele foi, em miúdo, trabalhar ali para a minha fábrica. Sempre revelou grandes qualidades e bom coração. É um trabalhador aplicado, eu desejo-lhe as maiores felicidades na nova vida que vai ter.

Olha, Raul, não julgues que isso de ter dinheiro é bom. Nem imaginas a dor de cabeça que isso me dá... Pensa com calma no que vais fazer com esse dinheirão todo, o que é que tu vais fazer na vida... tens agora uma grande oportunidade, não a desperdices. E tenho dito. São os melhores conselhos que posso dar...

Então... levanto o meu copo à saúde do Raul... e da mulher... e dos filhos, claro! A festa é para todos!

UMA VOZ — Viva o Raul!

VOZES — Viva!

RAUL — Sr. Manuel da Póvoa, eu quero agradecer-lhe... para já o ter aceitado vir aqui comemorar a sorte que eu tive... e depois, o sr. é um patrão de quem nunca tive assim razão de queixa... Também não conheci mais nenhum... mas acho que eu sempre o respeitei e fui bem tratado. Então, oh amigos, um copo pr'ó sr. Manuel da Póvoa!

VOZES — Viva!

Um convidado salta para cima de uma cadeira com um acordeon e começa a tocar a marcha do Bairro Alto. Tudo começa a dançar.

UMA MULHER — Vá lá uma dança aqui pr'ó Raul e pr'á Clarinha!

Acordeonista começa a tocar um bolero do tempo da juventude de Raul. Pode ser "Camino Verde" ou outro do estilo.

Raul e Clarinha dançam ternamente. Outros pares começam a dançar.

2. Raul compra uma espingarda

Numa loja de um armeiro. Raul escolhe uma espingarda. Com ele, o sr. Manuel da Póvoa.

MANUEL DA PÓVOA — Tens que arranjar um cão dos bons... a cadela do Zé Batista teve agora uma ninhada... aquilo é que é uma cadela... não há coelhos que lhe escape...

ARMEIRO — E não é só pr'ós coelhos... não há peça de caça que escape à "Refilona"...

RAUL — Até que enfim que posso fazer o gosto...

ARMEIRO — O sr. Raul teve sorte... agora é que é aproveitar e escolher bem uma arma... olhe, esta é de cinco tiros... isto é uma novidade... não precisa de estar sempre a pôr cartuchos... às vezes saltam coelhos e lebres de trás das moitas que um homem nem sabe como lhes atirar... assim, é um consolo!

MANUEL DA PÓVOA — Compra esta, oh Raul, olha que o